



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**TSUNAMI SUBURBANO: MEMÓRIAS DA HABITAÇÃO POPULAR EM BANGU  
(1960-1965)**

**MAYARA DA ROCHA TOSTA**

RIO DE JANEIRO

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**TSUNAMI SUBURBANO: MEMÓRIAS DA HABITAÇÃO POPULAR EM BANGU  
(1960-1965)**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Bacharel em História

MAYARA DA ROCHA TOSTA

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Andrea Casa Nova Maia

RIO DE JANEIRO

2019

## CIP - Catalogação na Publicação

T716t Tosta, Mayara da Rocha  
Tsunami Suburbano: memórias da habitação popular em Bangu (1960 -1965) / Mayara da Rocha Tosta. -- Rio de Janeiro, 2019.  
51 f.

Orientadora: Andrea Casa Nova Maia .  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Bacharel em História, 2019.

1. Habitação popular . 2. Bangu. 3. Remoção. 4. Memória. 5. Subúrbio. I. Maia , Andrea Casa Nova, orient. II. Título.

*Sim mas eu sou favela  
Posso falar de cadeira  
Minha gente é trabalhadeira  
Nunca teve assistência social  
Ela só vive lá  
Porque para o pobre, não tem outro jeito  
Apenas só tem o direito  
A um salário de fome e uma vida normal.  
A favela é, um problema social  
A favela é, um problema social*

*(A Favela - Bezerra da Silva)*

## AGRADECIMENTOS

As páginas desse trabalho só foram escritas graças a todo um background desenvolvido no decorrer da minha vida pessoal e acadêmica. Escrevo esses agradecimentos diretamente da Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos, popularmente conhecida como a biblioteca do IFCS/IH, prédio que me acolheu. Aqui dentro eu cresci, vivi, sobrevivi, amadureci e aprendi. Aprendi muito. Muita gente fez parte disso e eu não poderia deixar de agradecê-los.

Dedico esse trabalho especialmente aos meus pais, Sandra e Wilson, dois suburbanos que fizeram o possível e o impossível para que eu pudesse ter a melhor educação disponível. Sou eternamente grata à vocês. É claro, também não poderia deixar de agradecer ao bairro de Bangu, que me viu nascer e que me acolhe até hoje dentro de suas quentes terras.

Agradeço à minha orientadora Andrea, pessoa que me acolheu e me deu os direcionamentos para uma boa pesquisa sempre acompanhados de uma dose de doçura. Agradeço ao meu antigo orientador, Deivid Gaia, pessoa que me fez crer que a vida acadêmica poderia ser um pouco mais divertida e prazerosa. Não poderia deixar também de agradecer aos demais professores da graduação que me auxiliaram na construção do conhecimento durante esses quatro anos.

Devo meus agradecimentos também aos amigos da faculdade, do inglês, do estágio e familiares. Principalmente aqueles que me ajudaram quando eu achei que tudo estava perdido e que eu não ia conseguir. Vocês foram fundamentais para que esse trabalho finalmente saísse do campo imaginário e se concretizasse. Foram tantos companheiros ao longo dessa jornada que me sentiria injusta caso esquecesse alguém, desse modo, sintam-se todos abraçados e beijados por essa pessoa que detesta demonstrações públicas de afeto mas que ama a todos vocês profundamente. Mas Amanda, Andreza, Barbara, Marcelly, Pedro e Willian, gratidão.

Agradeço especialmente ao Alejandro, argentino que me incentivou diariamente durante esses quase três anos que decidimos compartilhar a vida juntos. Meu bem, sem você poucas coisas teriam sido possíveis. Obrigada por ser um dos meus pilares de sustentação.

Gracias por ser la grandísima persona que eres, por todas las risas que me sacas cada día..  
Gracias por hacer que mi vida sea mejor por tenerte a mi lado. Te quiero.

O meu muito obrigada também aos entrevistados que me auxiliaram na montagem desse trabalho. A participação de cada um deles foi fundamental para que boa parte dessa monografia fosse bem desenvolvida.

Por fim agradeço aos funcionários da UFRJ e ao ilustre prédio do IFCS/IH. Posso dizer que debaixo deste teto as coisas evoluíram. Aqui já recebi boas e más notícias. Aqui aprendi que “as aparências enganam”. Aqui, eu já pensei que as paredes fossem desabar. Ah, as paredes. Se elas pudessem falar, saberiam mais de cada aluno que por aqui passa do que qualquer outra pessoa. E caso as paredes consigam me ouvir, obrigada por tudo, espero que vocês continuem sendo um ótimo cenário para todas as pessoas que por aqui um dia passarem.

TOSTA, Mayara da Rocha. **Tsunami suburbano: memórias da habitação popular em Bangu (1960-1965)**. Orientadora: Andrea Casa Nova Maia. Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de História. 2019. Monografia em História.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar os impactos causados pela política de habitação popular implementada por Carlos Lacerda na Guanabara entre 1960 e 1965. O enfoque do trabalho é o bairro de Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde estão localizados os conjuntos habitacionais da Vila Aliança e Vila Kennedy, criados exclusivamente para abrigar a população favelada removida da região central e zona sul da cidade. Buscamos compreender os impactos sociais e habitacionais causados em Bangu após a implementação da reforma urbana de Lacerda no Estado da Guanabara. Como referencial de análise, foram utilizados jornais de grande circulação da época e também entrevistas exclusivas concedidas por alguns moradores que foram removidos de suas residências para estes conjuntos habitacionais.

Palavras-chave: Habitação popular, Bangu, remoção, memória, subúrbio

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2.OS PLANOS DE LACERDA PARA A GUANABARA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 A modernização da Guanabara e o IV Centenário da cidade.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Remoções compulsórias.....</b>	<b>24</b>
<b>3.A MEMÓRIA DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS EM BANGU.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 Vila Aliança.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2 Vila Kennedy.....</b>	<b>33</b>
<b>4.FAVELADO SIM, SUBURBANO NÃO!.....</b>	<b>38</b>
<b>5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>41</b>
<b>6.1 FONTES.....</b>	<b>41</b>
<b>6.2 BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXO II.....</b>	<b>44</b>



## **IMAGENS**

**Imagem 1. Mapa do Estado da Guanabara. Acervo: Biblioteca Nacional. 1960**

**Imagem 2. Aterro do Flamengo. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**

**Imagem 3. Planta geral do Parque do Flamengo**

**Imagem 4. Aterro do Flamengo. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.**

**Imagem 5. Lacerda visita as obras do Túnel Rebouças. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**

**Imagem 6. Túnel Santa Barbara. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**

**Imagem 7. Flexa Ribeiro discursando na Vila Kennedy.**

**Imagem 8. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas. Arquivo: Flexa Ribeiro.**

**Imagem 9. Retrato das casas dos favelados. Acervo Fundação Oswaldo Cruz. Arquivo: Anthony Leeds.**

**Imagem 10. Mapa colorido do Estado da Guanabara na década de 1960. Atlas Geográfico Mundial de Juan E. Schaeffer, edição Bradil, 1967.**

**Imagem 11. Registro de uma rua de barro da Vila Aliança. Acervo Fundação Oswaldo Cruz. Arquivo: Anthony Leeds.**

**Imagem 12. Estátua da Liberdade. Acervo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas. Arquivo: Flexa Ribeiro.**

**Imagem 13. Registro das obras da Vila Kennedy. Acervo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas. Arquivo: Flexa Ribeiro.**

**Imagem 14. Autoridades observam a Vila Kennedy. Acervo: Agência O Globo.**

**Imagem 15. Rara Vista aérea das casas da Vila Kennedy. Acervo: Agência O Globo.**

**Imagem 16. Acervo Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz. Arquivo: Anthony Leeds.**

## 1. INTRODUÇÃO

“Ah menina, favela só é bonito hoje em dia e olhe lá. A gente saiu de casa escurado, obrigado. Antigamente favelado era jogado de um lado pro outro, como se fosse um lixo podre, muita gente tinha medo da gente roubar eles, era difícil até arrumar emprego por causa do preconceito. Hoje em dia os gringos vão lá nas favelas tirar foto e até moram, até artista mora lá, acham tudo muito bonito, mas só naquelas lá da zona sul, pergunta se algum deles quer vim pra cá morar igual a gente.”<sup>1</sup>

Com o passar dos anos, as cidades ao redor do mundo sofreram diversos fenômenos de modernização<sup>2</sup> urbana, sendo eles de demolição ou de construção. Com o Rio de Janeiro não foi diferente. Dentro da vasta área relacionada ao campo de estudos do Rio de Janeiro, elencamos a questão da memória habitacional e remocionista da cidade nos cinco primeiros anos que se seguem após a mudança da capital do país para Brasília. De modo geral, objetivamos analisar as publicações dos jornais de maior circulação da época<sup>3</sup>, fotografias e as entrevistas concedidas por alguns moradores removidos para compreender as perspectivas acerca das remoções compulsórias de favelados<sup>4</sup> das áreas nobres da cidade para conjuntos habitacionais localizados em Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Trata-se também de analisar as representações políticas e culturais formadas por meio da manutenção da memória desses favelados encaminhados para a Vila Aliança e Vila Kennedy.

Em um primeiro momento, é necessário tentar distinguir os conceitos de História e Memória. Pierre Nora<sup>5</sup> estabeleceu que a História é uma reconstrução, representação incompleta e problemática daquilo não existe mais, é a partir dela que a sociedade moderna organiza e entende o passado. A Memória é viva, suscetível a ficar longamente adormecida e de ser sistematicamente revivida e revisitada. A Memória é múltipla, ao mesmo tempo, específica, coletiva, plural e ainda individual. A História, por outro lado, pertence a todo mundo

---

<sup>1</sup> Trecho do depoimento de Dona Dinah, removida do Morro do Pasmado para a Vila Aliança em 1962.

<sup>2</sup> É mister sinalizar que usamos aqui o conceito de “modernização” conforme desenvolvido segundo o dicionário Houaiss de língua portuguesa: “É o ato ou efeito de modernizar [...] é tornar(-se) moderno, acompanhando a evolução e as tendências do mundo atual” (Houaiss e Villar, 2001, p.1941).

<sup>3</sup> Os jornais selecionados foram os seguintes: O Correio da manhã, Jornal do Brasil e jornal Tribuna da Imprensa.

<sup>4</sup> É válido destacar que a palavra “favelado”, neste trabalho, está sendo empregada em seu sentido literal empregado pelo dicionário Houaiss: aquele que habita em favela. (Houaiss e Villar, 2001, p.1227).

<sup>5</sup> NORA, Pierre. *Between Memory and History: Les lieux de mémoire*. Representations. University of California Press, n. 26, 1989. p 33

e, ao mesmo tempo, a ninguém. Tendo como principal objetivo fazer uso de um “passado reconstruído” como fonte histórica, Pierre Nora cria e desenvolve a ideia de “lugar de memória”, trazendo à luz a tentativa de encontrar uma metodologia para compreender aquilo que se pode relacionar, de modo geral, com a memória política. A Memória, enquanto fenômeno em constante construção, é alvo de constantes mudanças em função do contexto em que ela é expressa, como demonstra Michael Pollack<sup>6</sup>, as preocupações do momento constituem um elemento fundamental de organização da memória.

O recorte temporal aqui abordado equivale ao mandato de Carlos Lacerda enquanto primeiro governador da Guanabara eleito democraticamente. Ao assumir o cargo, o governador assumiu também a difícil tarefa de construir a imagem de um novo Estado que deixaria de lado a imagem nacional<sup>7</sup>. Lacerda ficou conhecido por seu forte engajamento político contra Vargas e aos presidentes que o sucederam, mas também acabou sendo reconhecido pelo investimento massivo em obras públicas para a modernização da cidade.

As obras selecionadas retratam a construção da memória no entorno da cidade e a questão da modificação do núcleo urbano da cidade do Rio de Janeiro em sua face mais cruel: a da remoção compulsória. Tais remoções foram impostas pelo então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, para um determinado grupo de pessoas que viviam em condições precárias, mas que moravam em localidades importantes para o cartão postal carioca. Buscamos compreender como a memória pode ser entendida como um elemento fundador e disseminador da identidade coletiva de um grupo marginalizado da população carioca e como essas remoções afetaram as memórias dos removidos.

Este estudo procura detectar as vertentes que transformam a cidade em imagem pautada por banalidades e na sua própria cultura política. Ao longo do tempo, surgiram e integraram o imaginário novos signos delineadores da imagem da cidade do Rio de Janeiro. É assim que a cidade aparece como emblema da criação divina da natureza, palco da modernidade, da exclusão e expressão do cosmopolitismo, em diferentes momentos da sua evolução. O que objetivamos é oferecer um exame desses quadros representativos, com base na escrita memorialista e remocionista.

Como hipótese geral, sugerimos que o político Carlos Lacerda embelezar as regiões mais privilegiadas da Guanabara para galgar as eleições presidenciais que ocorreriam no ano

---

<sup>6</sup> POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3. 1989. p 8.

<sup>7</sup> MOTTA, Marly Silva da. **Carlos Lacerda**: de demolidor de presidentes a construtor de estado. Nossa História. Rio de Janeiro, 2004. p. 5

de 1965. Para não ter seus planos interrompidos e tendo em vista o crescimento da especulação imobiliária naquelas regiões, ele pouco se importou em remover para o subúrbio as indesejáveis favelas. Sugerimos que, apesar de ter diversas vezes discursado sobre as benesses que seriam dadas aos removidos, o governador pouco se importou com a qualidade de vida e com a adaptação dessas pessoas ao novo ambiente de moradia. Acreditamos que a ideia principal de Lacerda era somente de varrer para debaixo do tapete os favelados e, assim, embelezar a cidade para os cariocas com alto poder aquisitivo e os turistas.

O capítulo inicial tece um breve panorama acerca das modificações urbanas feitas na cidade. O objetivo é focar as obras que foram utilizadas como justificativa para a remoção das populações faveladas. Damos enfoque principal ao Aterro do Flamengo, que foi uma das obras monumentais inauguradas por Lacerda para consolidar de vez sua tentativa de se eleger presidente da nação. Os suntuosos jardins projetados por Burle Marx unidos às obras arquitetônicas de Lota de Macedo Soares e Affonso Eduardo Reidy embelezaram e ligaram pontos estratégicos da zona sul e centro carioca. Privilegiamos o uso de fotografias como fontes históricas para que houvesse uma melhor ilustração das modificações urbanas que estavam feitas pela cidade.

Recorrendo novamente a Michael Pollak<sup>8</sup>, se para cada história de vida é possível localizar um fio condutor, também o é em relação aos demais registros documentais que servem de fonte para o historiador, bem como para o uso que deles é feito, tanto por parte de seu produtor quanto por terceiros, incluindo-se aí a própria pesquisa histórica. Compreendemos, assim, que o registro em si significa mais do que a própria imagem nele sugerido. Em outras palavras, entendemos que o conjunto de uma obra fotográfica de algum modo é representativo não apenas do projeto criador do fotógrafo, mas de seu próprio enquadramento no tempo em que viveu.

O que desejamos ressaltar aqui é a existência de uma intencionalidade, seja em termos da elaboração dos registros documentais, seja quanto à sua utilização, o que implica em última instância na interação entre o exercício da memória e seu questionamento, entre memória e história. Mais ainda. Esta intencionalidade nos permite considerar a fotografia muito mais que uma relíquia pessoal ou coletiva, mas um *locus* privilegiado da articulação entre tempo, memória e história, cuja utilização, de modo análogo à comparação desenvolvida por David Lowenthal<sup>9</sup>, a transforma simultaneamente em maior e menor que o passado.

---

<sup>8</sup> POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, pp. 3-15, 1989.

<sup>9</sup> LOWENTHAL, David. The past is a foreign country. Cambridge, Cambridge University Press, 1988. p. 185.

Daí ser importante o historiador, ao utilizar imagens fotográficas - bem como qualquer outro tipo de registro- como fonte documental, detectar previamente a destinação ou motivação original do registro, de modo que possa identificar se expressam um enquadramento da memória. Torna-se importante também estar atento a elementos que podem auxiliar na compreensão do que foi objeto de memória, e daquilo que foi “silenciado” ou simplesmente esquecido.

Trabalhando especificamente com o quadro de memórias inseridas nos primeiros cinco anos da década de 1960, procuramos oferecer uma articulação do conjunto de práticas políticas da época com as imagens propagadas pelo governo. Utilizamos memória enquanto fonte histórica, procurando distinguir o conceito de memória e história. Os processos de formação da memória individual e coletiva também são primariamente abordados a fim de sustentar a análise do papel da memória.

No capítulo “A memória dos conjuntos habitacionais em Bangu”, o objetivo é evidenciar o clima comemorativo que se instala nos conjuntos habitacionais após a chegada dos novos moradores. O texto constrói-se a partir da combinação de entrevistas concedidas pelos moradores e de dados e informações colhidos na imprensa entre os anos de 1960 e 1965, sendo nossas principais fontes o Correio da Manhã, Jornal do Brasil e jornal Tribuna da Imprensa. Robert Darnton<sup>10</sup> em “*O grande massacre de gatos*”, defende que fazer uma leitura minuciosa e contextualizada das notícias dos impressos permite ao historiador perceber elementos que auxiliam na percepção de eventos que passariam despercebidos por um olhar não muito atento. Tal minúcia no manuseio e na observação das fontes também se torna primordial para a análise de fonte imagéticas. É necessário ter atenção aos mais diversos tipos de manifestação técnica empregados na área da fotografia – como cortes, exclusão de lugares, pessoas ou objetos, enquadramento privilegiados, ângulos específicos e outros – tais elementos que podem auxiliar na compreensão do que foi objeto de memória, e daquilo que foi “silenciado” ou simplesmente esquecido pelas imagens.

Para o melhor aproveitamento das fontes orais, seguimos a metodologia proposta por Chantal de Tourtier-Bonazzi<sup>11</sup>. Arquivista defende que a seleção da testemunha, o lugar da entrevista e o roteiro previamente escrito, são primordiais para o bom uso das fontes orais e a sua possível articulação com as demais fontes utilizadas pelos historiadores. A utilização das

---

<sup>10</sup> DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Graal, 1986. P. 34

<sup>11</sup> TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: proposta metodológicas. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp 233 - 245.

fontes orais foi imprescindível para essa pesquisa pois enriqueceu significativamente o trabalho e aumentou a contribuição para trabalhos futuros, além de valorizar aqueles que são marginalizados pela população.

O último capítulo retrata as dificuldades encontradas no subúrbio pelos moradores acostumados com as “facilidades” dos locais onde estavam habituados. A escassez e o elevado custo do transporte público somados a distância dos locais de trabalho e a dificuldade de conseguir novos empregos nas redondezas foram os principais temas abordados pelos entrevistados. Com isso, a memória afetiva pelo bairro de Bangu precisou ser construída durante longos anos.

Cada vez que a memória está relativamente construída, ela atua no sentido de manutenção de uma imagem social, ainda que esta apresente-se multifacetada. O que se mostra relevante no nosso entendimento, é o alcance da percepção dos processos que permitem a permanência de certas imagens acerca da cidade, em detrimento de outras. Trabalhando especificamente com o quadro de memórias remocionistas inseridas nos primeiros cinco anos da década de 1960, procuramos oferecer um exame articulado do conjunto de práticas políticas da época com as imagens veiculadas pelos textos memorialistas selecionados.

Consideramos de vital importância o uso de fontes de grande circulação para a população local, por isso nosso texto constrói-se a partir de dados e informações colhidos na imprensa de 1964, sendo nossas principais fontes, como já citamos anteriormente: o Correio da manhã, Jornal do Brasil, O Globo, jornal Tribuna da Imprensa. Nesse sentido, buscamos enfatizar o papel da esfera política como agente no processo de construção e perpetuação de diversas imagens da cidade do Rio de Janeiro.

No caso específico do nosso estudo temático, torna-se imprescindível ressaltar o papel da memória como fator constituinte do sentimento de pertencimento e de exclusão. Emergindo de um grupo que ela mesmo une, a memória é fator crucial para o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. A presença do passado tem um papel chave no sentido de definir a identidade coletiva. Essa pesquisa pretende, portanto, examinar, por meio dos cruzamentos de fontes imagéticas, fontes orais e de impressos, as distintas narrativas acerca de um mesmo cenário.

## 2. OS PLANOS DE LACERDA PARA A GUANABARA

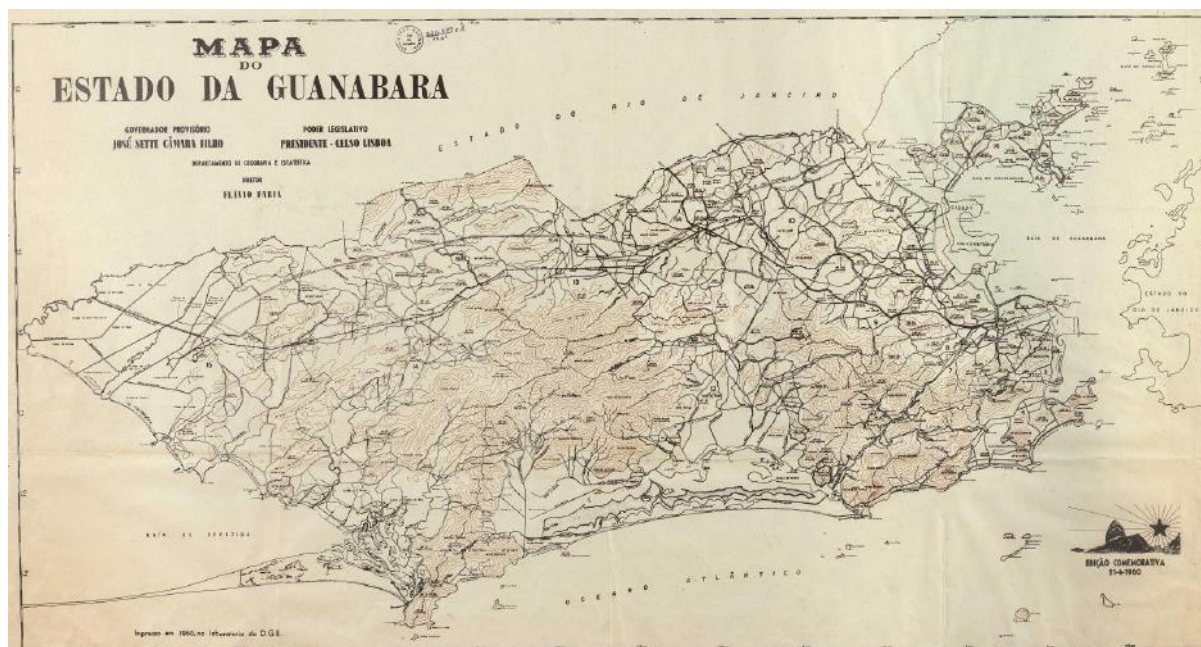


Figura 1: “Mapa do Estado da Guanabara”. Acervo: Biblioteca Nacional. Autor/Colaborador:Guanabara. Departamento de Geografia e Estatística. 1960.

Em 1960, após uma acirrada disputa contra o deputado Sérgio Magalhães do PTB, Carlos Werneck de Lacerda, da UDN, se tornou o primeiro governador eleito democraticamente pelos moradores da Guanabara. Na época, o Estado da Guanabara contava com uma população cerca de 3.306.163 habitantes, localizada, sobretudo, nas áreas urbana e suburbana, com um território de 1356 km<sup>2</sup>, cerca de 6% da área de Sergipe, tendo assim a mais elevada concentração demográfica do país (2.824 hab./km<sup>2</sup>). Em 1960, após uma acirrada disputa contra o deputado Sérgio Magalhães do PTB, Carlos Werneck de Lacerda, da UDN, se tornou o primeiro governador eleito democraticamente pelos moradores da Guanabara. Na época, o Estado da Guanabara contava com uma população cerca de 3.306.163 habitantes, localizada, sobretudo, nas áreas urbana e suburbana, com um território de 1356 km<sup>2</sup>, cerca de 6% da área de Sergipe, tendo assim a mais elevada concentração demográfica do país (2.824 hab./km<sup>2</sup>).

Lacerda foi o político da cidade do Rio de Janeiro com maior projeção nacional. Tinha em seu currículo uma vasta carreira jornalística e era reconhecido por ser rigidamente contrário

às ideias de Getúlio Vargas, mas apesar disso possuía fortes apoiadores. Sobre a figura de Lacerda, Maurício Perez<sup>12</sup> pondera que:

Lacerda é considerado um homem público que soube conjugar o carisma político com o administrador racional. Na verdade, acreditamos que o segundo não existiria sem o primeiro; sem carisma, sem liderança, sem ser mito, Lacerda não conseguiria – ou ao menos teria sido muito mais difícil – impulsionar a máquina do estado. Foi preciso reunir um grupo de homens que, ao mesmo tempo que eram tecnicamente competentes, estavam identificados com as bandeiras empunhadas por Lacerda, em maior ou menor grau magnetizados pelo mito. Afinal, valores como a moralidade pública, o serviço ao país e, sobretudo, a oportunidade de colocar os talentos em prol de uma causa que se considera valiosa são e sempre foram motivos muito gratificantes e estimulantes para certo tipo de indivíduo.<sup>13</sup>

Segundo a historiadora Marly Motta, a particularidade da Guanabara como antiga capital do país foi o principal tema proferido por ele na cerimônia de posse, realizada no Palácio Tiradentes. Evocando o passado, o governador reivindicava um lugar especial para o novo estado na federação. “A Guanabara não seria apenas mais uma estrela na bandeira brasileira, uma vez que as tradições de ex-capital a teriam tornado a unidade mais preparada ‘para influir na condução geral do país’”.<sup>14</sup>

O projeto político de Lacerda era de concorrer à eleição presidencial prevista para 1965. Seu grande oponente seria o ex-presidente Juscelino Kubitschek, o construtor de Brasília (Novacap). O governador pretendia enfrentá-lo com o triunfo da Belacap, projeto mais imponente de Juscelino. “Para tanto, investiu, ao mesmo tempo, na construção do novo estado e na reafirmação da tradicional capitalidade exercida pela cidade havia mais de um século.”<sup>15</sup>

Mesmo com a perda do status de capital, o Rio era o tradicional produtor e divulgador de padrões de gosto e da moda. Possuía uma sólida estrutura de bens culturais, como teatros, cinemas, museus e bibliotecas, fora suas tradicionais belezas naturais, tudo isso fazia do Rio o maior centro turístico do país. Além, é claro, de sua ampla rede de ensino. O grande desafio de Lacerda era transformar a Guanabara em Estado, mas conservando a função de capital do país.

---

<sup>12</sup> PEREZ, Maurício Dominguez. **Lacerda na Guanabara: a reconstrução do Rio de Janeiro nos anos 1960**. Odisseia Editorial, 2007.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 156

<sup>14</sup> MOTTA, Marly Silva da. Rio, Cidade-capital- descobrindo o Brasil. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2004. P.90

<sup>15</sup> MOTTA, Marly Silva da. Rio, Cidade-capital- descobrindo o Brasil. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2004. P. 96



“Lacerda sabia que a sonhada conquista da Novacap passava necessariamente pelo sucesso na Belacap.”<sup>16</sup>

## 2.1 A modernização da Guanabara e o IV centenário da cidade

Para que a Belacap de Lacerda superasse a Novacap de Juscelino, o governador investiu boa parte da verba do governo em obras públicas na cidade. Em pouco tempo concluiu obras iniciadas por outros governantes, como o Aterro do Flamengo, e iniciou obras importantes para a população em geral, como a adutora do Guandu, que distribuía água encanada para boa parte da cidade e os túneis. Mas, para além disso, o governador investiu na imagem da ex-capital. A modernização e, em consequência, o embelezamento da cidade, dependia não somente das obras públicas benfeitoras, mas também de remoções de favelas das áreas nobres da Belacap e também de moradores indesejados, o que transparecia para boa parte da população que o governador não gostava de pobres.

Um outro episódio rumoroso que marcou o governo Lacerda foi o da matança de mendigos — efetuada pelo Serviço de Recuperação de Mendigos —, cujos corpos foram jogados no rio da Guarda. Esse caso, ocorrido em 1962, teve repercussão internacional e, apesar de ter punido os culpados, Lacerda continuou a ser acusado por seus adversários de o “governador mata-mendigos”.<sup>17</sup>

Sob o comando de Lacerda, o Rio viu a rápida chegada da modernização. Durante os primeiros anos da década de 1960, a paisagem carioca sofreu grandes modificações com a finalidade de ampliar o espaço da cidade, viabilizar a circulação de pessoas e carros de forma mais efetiva e, além disso, valorizar algumas regiões. Segundo seu promotor, Lacerda objetivava “criar uma máquina administrativa eficiente e capaz de executar o programa de recuperação da cidade do Rio de Janeiro e de viabilização do estado proposto pelo governo.”<sup>18</sup>

O Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, mais conhecido como Aterro do Flamengo, foi a obra mais monumental do governo de Lacerda. Sua inauguração deu-se no ano de 1965. Essa

---

<sup>16</sup> *Ibidem*. P.96

<sup>17</sup> MOTTA, Marly Silva da. Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado. Nossa História. Rio de Janeiro, 2004. P.8

<sup>18</sup> Dicionário Histórico Brasileiro. CPDOC – Fundação Getúlio Vargas. Disponível em : <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-werneck-de-lacerda>> Acesso em 3 out de 2019

obra facilitou a integração do centro da cidade com bairros da zona sul, facilitando a vida de muitos cariocas. O aterro também foi responsável por remodelar as praias do Flamengo e Botafogo que antes contavam com uma orla “comum”. Sua construção só foi possível após o término desmanche do morro de Santo Antônio, iniciado no governo de Alim Pedro, entre os anos de 1954 e 1955.<sup>19</sup>



Figura 2: Aterro do Flamengo, [1960?]. Rio de Janeiro (RJ), Guanabara, Baía de (RJ), Flamengo (Rio de Janeiro, RJ) / Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Os responsáveis pelo projeto foram arquitetos Lota Macedo Soares e Affonso Reidy, juntamente com o paisagista Roberto Burle Marx. O aterro contava com uma área total de 1.200.000 m<sup>2</sup> de Mata Atlântica e foi construído sobre o aterro criado na orla da Baía da Guanabara, entre o aeroporto Santos Dumont e a enseada de Botafogo (ver figura 6), utilizando o material resultante do desmonte do morro de Santo Antônio. Segundo Lota Soares, ao criar o projeto do Aterro (ver figura 7), a intenção era de que, além de unir as zonas sul e central da cidade, ele fosse o "Central Park" carioca. Seguindo essa lógica, o aterro teria sido construído também para competir com o Pão de Açúcar, um dos principais pontos turísticos da cidade.

<sup>19</sup> MOTTA, Marly Silva da. Rio, Cidade-capital- descobrindo o Brasil. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2004. P.34

Só que nessa comparação com o Pão de Açúcar, o Aterro levava a vantagem de reunir as belezas naturais de um jardim plantado à beira-mar à demonstração de capacidade técnica exigida por uma obra daquele porte. Finalmente, deveria ser reconhecido como a realização maior do governo da Guanabara. Não por acaso, sua inauguração foi tratada como o principal evento comemorativo do IV centenário, com o claro intuito de colocar o governador carioca e candidato a presidente, Carlos Lacerda, no altar dos "grandes homens que construíram o Rio quatrocentão." <sup>20</sup>

Segundo Motta, o arrasamento do Morro do Castelo e a construção do Aterro não respeitavam as questões ambientais. No entanto, segundo a autora, "essa escolha não foi aleatória, uma vez que atendia perfeitamente dois requisitos essenciais: confrontava o "coração do Rio antigo" com a "face da Guanabara moderna", e glorificava a vitória da intervenção humana sobre a Guanabara."<sup>21</sup>

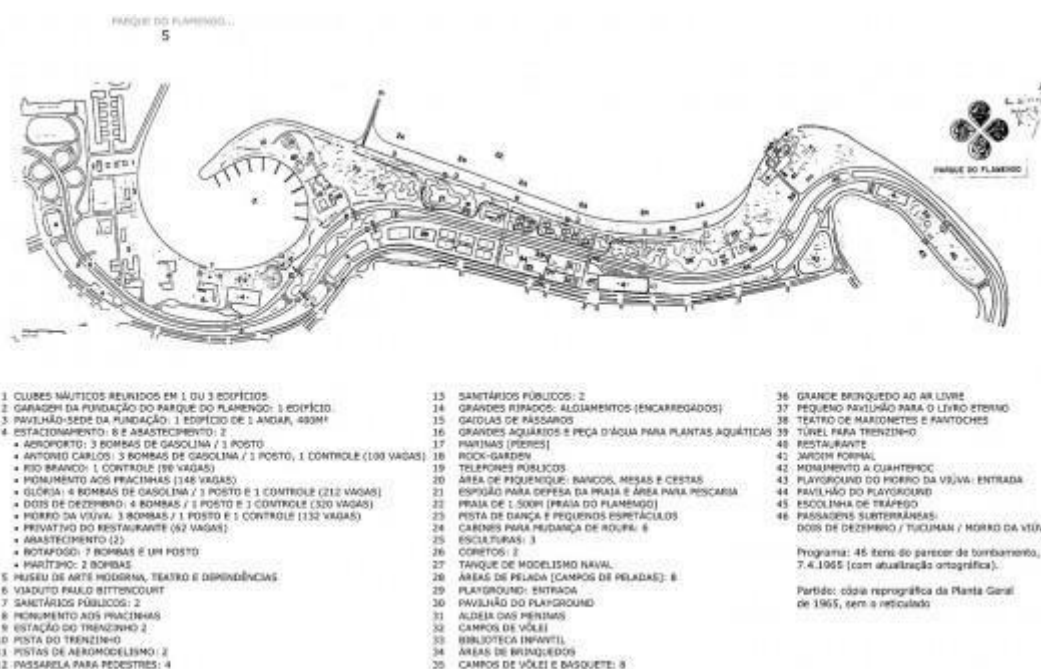


Figura 3: Planta geral do Parque do Flamengo, projeto de Lota de Macedo Soares e Affonso Eduardo Reidy, 1965. Disponível em < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.135/4014> >. Acesso em 11 out 2019.

<sup>20</sup> MOTTA, Marly Silva da. Rio, Cidade-capital- descobrindo o Brasil. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2004. P. 53

<sup>21</sup> *Ibidem*. P. 53



Figura 4: Aterro do Flamengo, [1960?]. Rio de Janeiro (RJ), Guanabara, Baía de (RJ), Flamengo (Rio de Janeiro, RJ) / Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

A abertura de túneis também foi fundamental para a interligação das zonas centrais da Guanabara. Perez recorda que, para além de um governador que mandava, discutia e comandava os projetos das obras urbanas da cidade, Lacerda fazia questão de ir pessoalmente observar o andamento delas. Desse modo, Perez ressalta que Lacerda era um político incansável, chegava no palácio das Laranjeiras pela manhã e que trabalhava até às 23h da noite<sup>22</sup>.

A construção dos túneis Rebouças, que ligava o Rio Comprido à Lagoa Rodrigo de Freitas e Santa Bárbara (Catumbi-Laranjeiras), foi mister para que o centro da cidade ficasse desafogado dos engarrafamentos de veículos e também para encurtar o tempo de locomoção dos cariocas entre as localidades pretendidas. Desse modo, Lacerda ficou conhecido por suas benesses ao povo carioca, mesmo que para isso tivesse aumentado abruptamente o valor dos impostos urbanos. Durante o seu mandato, o Rio virou um canteiro de obras que ele fazia questão de divulgar.

---

<sup>22</sup> PEREZ, Maurício Dominguez. Lacerda na Guanabara: a reconstrução do Rio de Janeiro nos anos 1960. Odisseia Editorial, 2007. P. 98



Figura 5: Lacerda visita as obras do Túnel Rebouças, 1965. Rio de Janeiro (RJ), Rio de Janeiro (Brazil), Rio Comprido (Rio de Janeiro, RJ) / Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

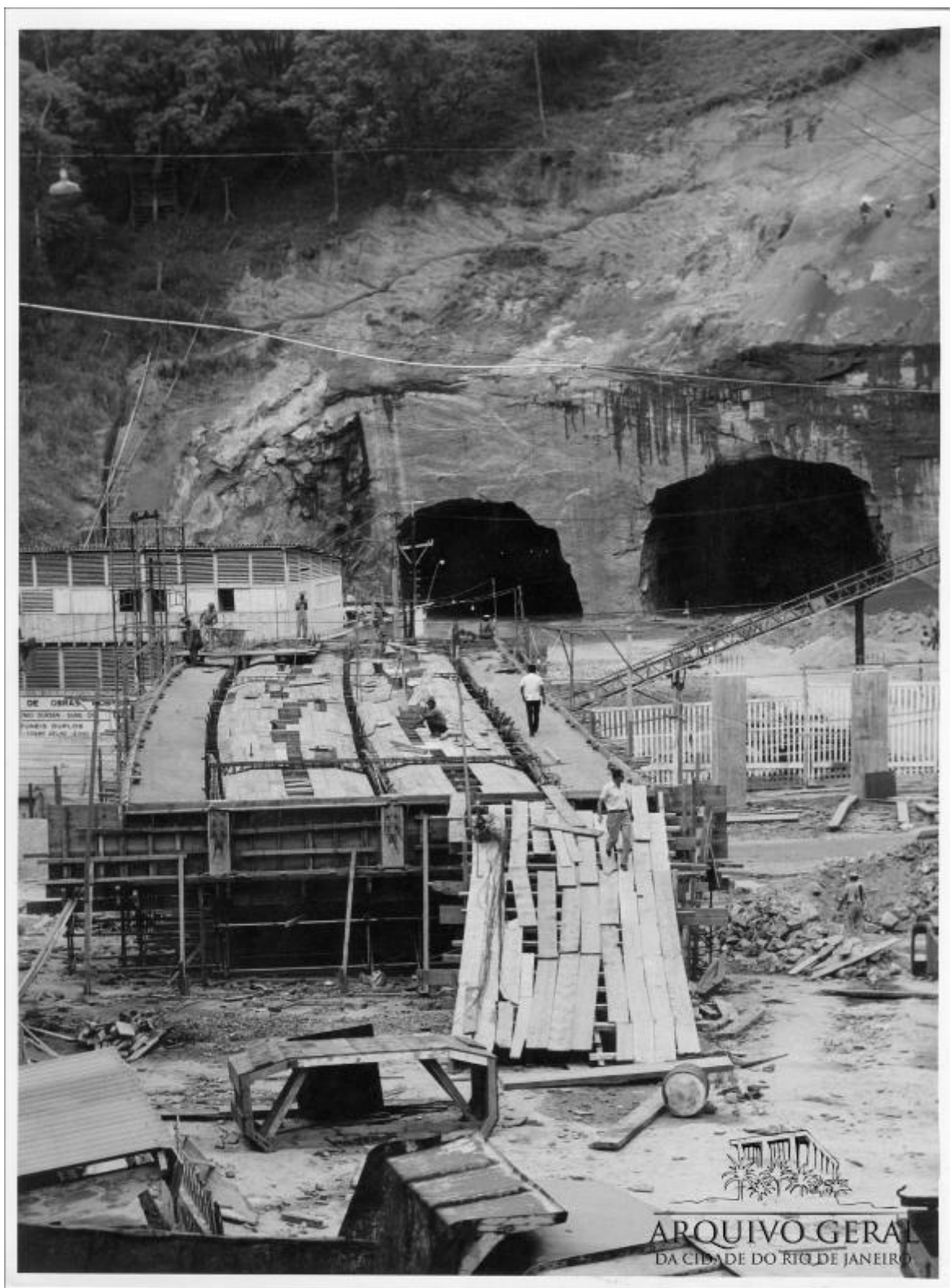


Figura 6: Túnel Santa Barbara, 04/10/1962. Laranjeiras (Rio de Janeiro, RJ), Catumbi (Rio de Janeiro, RJ), Rio de Janeiro (RJ), Rio de Janeiro (Brazil) / Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Jornal vinculado à figura de Lacerda, o Tribuna da Imprensa também se encarregava de propagar as obras do governador. O jornal foi um dos principais propagadores das comemorações do IV Centenário do Rio e sempre buscava elogiar as benfeitorias realizadas pelo governador na cidade. Numa das manchetes de 15 de janeiro de 1963, anunciava:

A Segunda Adutora do Guandu deverá estar concluída em fins de 1964 [...] Essa informação foi prestada pelo diretor do Departamento de águas, engenheiro Vieira Brito, aos componentes da IV Caravana Popular de Visita ao Guandu, que no domingo passado, levou mais de 500 pessoas para conhecer “a obra do século”.<sup>23</sup>

Afinal, a transferência da capital para Brasília quebra a continuidade que havia marcado a cidade por um bom tempo. A perda da posição de capital caracteriza uma época de “pós-idade de outro” carioca. Por isso, a comemoração é um esforço de perpetuar uma lembrança, e tem como objetivo contribuir para definir a identidade e legitimidade política do Rio. Mesmo assim, Vicente Santos diz que o Rio se mantinha como capital cultural do Brasil, mas buscava uma nova identidade após deixar de ser capital política nacional. Nos primeiros anos de 1960 a cidade-estado ainda desempenhou papel de capital política, devido a permanência de diversas instituições públicas, o que garantiu a ela importante lugar de articulação e espaço de eventos políticos.<sup>24</sup>

A escolha de um evento a ser comemorado é de grande importância. Quando o Rio de Janeiro comemora o ato fundador dela está estabelecendo uma tentativa de resgate de uma imagem ou identidade, ela nos mostra o que quer ser. E nesse momento, a comemoração busca dar valor, engrandecer os ‘400 anos de História’ vividos pela cidade’<sup>25</sup>

Ainda nos prelúdios da comemoração do aniversário da cidade, o governador determinou que todas as escolas de samba tivessem como tema o IV Centenário em 1965. Anteriormente à isso, Lacerda transformou a música “Cidade Maravilhosa”, cantada por Aurora Miranda, em hino oficial da cidade. A proposta era de ressaltar a ideia de que o Rio de Janeiro, por mais que não fosse mais a capital da nação, ainda era o coração do Brasil<sup>26</sup>. Uma das

---

<sup>23</sup> Jornal Tribuna da Imprensa em 15/1/1963. “Quem quiser poder ir : 2 mil cariocas já foram ver Guandu.”

<sup>24</sup> SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. A cidade do rio de janeiro no iv centenário em algumas páginas literárias. Acervo, rio de janeiro, v. 28, n. 1, p. 132-143, jan./jun. 2015

<sup>25</sup> *Ibidem*, p13.

<sup>26</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Rio de Janeiro: uma cidade na história. 2000. P. 161



manchetes do Jornal do Brasil anunciava “Desfile das escolas será o mais rico de todos os tempos”<sup>27</sup>. Outro anúncio da mesma edição do jornal convidava toda população para comer as três toneladas de bolo no Maracanãzinho, mas o espetáculo do IV centenário não foi motivo de comemoração para todo o povo carioca.

Com as obras e os locais escolhidos para as comemorações do IV centenário do Rio, Lacerda foi acusado de favorecer as zonas mais privilegiadas da cidade, onde se localizavam as principais obras de sua gestão. De fato, como a grande maioria dos governantes, o político quis embelezar as zonas sul e central para atrair olhares admirados de cariocas e estrangeiros. Para isso, removeu favelas, e encaminhou seus moradores para conjuntos habitacionais localizados em zonas mais distantes do centro.

Segundo a historiadora Armelle Enders, a decisão de remover pessoas de suas casas à força foi uma das medidas mais questionáveis do governo de Lacerda, mas que possivelmente seria uma decisão tomada por qualquer outro que assumisse o cargo naquele momento pois:

No momento em que esse governador assume a função, as favelas estão em plena expansão no Rio de Janeiro. O fenômeno, surgido o fim do século XIX, relaciona-se estreitamente com a nova industrialização dos anos 1940. Em 1948, contavam-se 105 favelas e 150.000 favelados no Distrito Federal. As favelas situam-se nas proximidades dos empregos, industriais na Zona Norte e de serviço na Zona Sul. Em 1960, os barracos abrigam mais de 330.000 habitantes e invadem os arredores da Avenida Brasil, que serve à área industrial da Zona Norte.<sup>28</sup>

Nesse sentido, entende-se que as remoções se faziam necessárias, naquele momento, pois os locais onde se encontravam aquelas comunidades estavam em pleno processo de valorização imobiliária e os novos planos passaram então a considerar as favelas e seus barracos como “aberrações a serem extirpadas”.<sup>29</sup>

## 2.2 Remoções compulsórias

Como um grande cogumelo de miséria, a favela do Morro da Catacumba está crescendo. Os belos edifícios da orla da Lagoa são modernos e coloridos, mas por sobre eles os barracos miseráveis do morro são negros e disformes, e estão crescendo. Os moradores dos edifícios têm pavor dos barracos, mas os políticos e grileiros amam os barracos: é dos barracos que

---

<sup>27</sup> Jornal do Brasil de 28 de fevereiro de 1965.

<sup>28</sup> ENDERS, Armelle. A história do Rio de Janeiro. Gryphus Editora, 2015. P. 305.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 305



vêm seus votos; é dos barracos que vem o seu lucro. Muitos barracos têm televisão, alguns têm ar refrigerado, mas todos são feios e miseráveis. E enquanto os meninos ricos brincam de mocinho e bandido, com revólveres de brinquedo, na favela da Catacumba centenas de assaltantes preparam seus revólveres de verdade, para descer e matar. As autoridades estão dormindo – e a favela da Catacumba está crescendo.<sup>30</sup>

Segundo Maurício Abreu, a localização das moradias dos favelados era estratégica pois ficavam próximas aos trabalhos. De acordo com ele: “77% dos favelados do centro e 79% da zona sul trabalhavam na própria zona de residência, percentual que diminuía para 58% na zona norte e subúrbios”<sup>31</sup>. Lícia do Prado Valladares<sup>32</sup> explicita que com a valorização imobiliária das áreas onde essas favelas estavam, a solução encontrada pelo governo foi a de remover para os subúrbios da cidade, áreas bem menos valorizadas e que ainda se encontravam em processo de ampliação, toda essa parcela da população. Para Valladares, o governo, para articular os novos interesses da cidade, aponta o favelado como um parasita que deveria ser removido do espaço que ocupava e encaminhado para outro local, onde não seria visto. A favela é entendida como um obstáculo urbano para as classes mais abastadas da população. O historiador Mario Brum<sup>33</sup> enfoca ainda que um dos argumentos mais utilizados era o de restabelecimento da flora e da fauna desses locais, que somente poderiam ser realizados com a remoção das moradias da população das áreas em que estavam.

As destruições dos barracos e remoções dos moradores favelados para o subúrbio fez parte das medidas tomadas pelo governador. Lacerda utilizou parte da verba do programa “Aliança para o Progresso”<sup>34</sup>, financiada pelos Estados Unidos de John Kennedy, para a compra

---

<sup>30</sup> “ Enquanto todos dormem uma favela está crescendo”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro.21 de março 1960.

<sup>31</sup> ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. 4ª edição Rio de Janeiro: IPP, 2013. Pp 106

<sup>32</sup> VALLADARES, Lícia do Prado. Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1978. p. 78

<sup>33</sup> BRUM, Mario Sérgio. Favelas e remocionismo ontem e hoje: da Ditadura de 1964 aos Grandes Eventos. O social em questão, ano XVI, n.29,2013.

<sup>34</sup> Programa de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina formalizado quando os Estados Unidos e 22 outras nações do hemisfério, entre elas o Brasil, assinaram a Carta de Punta del Este em agosto de 1961. De acordo com o documento, os países latino-americanos deveriam traçar planos de desenvolvimento e garantir a maior parte dos custos dos programas, cabendo aos EUA o restante. A administração dos fundos norte-americanos competia em sua maior parte à United States Agency for International Development (USAID — Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional). Dicionário Histórico Brasileiro. CPDOC – Fundação Getúlio Vargas. Disponível em : <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-para-o-progresso-1>>. Acesso em 4 de outubro 2019.

do terreno e construção dos primeiros conjuntos habitacionais que tinham como finalidade a recepção dos removidos. Não houve escolha. Os moradores das regiões consideradas importantes para que houvesse a implementação da modernização da cidade foram removidos sem qualquer consentimento. A alegação do governador era de que a vida naquela localidade era precária demais para que qualquer pessoa vivesse de forma digna naqueles locais.

Para convencer os favelados de que a mudança traria uma melhor qualidade de vida, Lacerda alegava que os novos locais de moradia além de contarem com uma infraestrutura básica como saneamento e iluminação pública.

Em 1963, as associações de moradores se reuniram para sugerir ao governador que as áreas ocupadas pelas favelas fossem urbanizadas, ao invés de removê-las, mas Lacerda recusa a ideia e segue removendo todas as comunidades que julgava serem necessárias. Segundo Enders:

Ele ordena a destruição de doze favelas, cujos ocupantes são removidos para aglomerações operárias financiadas com o auxílio de créditos norte-americanos: Vila Kennedy (senador camará), Vila Aliança (Bangu), Vila Esperanças (Vigário Geral), Cidade de Deus (Jacarepaguá). Por um aluguel módico, as famílias deslocadas recebem uma casinha de alvenaria, exígua, padronizada, dotada de um mínimo de conforto.

Essas poucas vantagens não compensam os vínculos de vizinhança perdidos, as horas de transporte para chegar ao trabalho e voltar, a tristeza dos novos lugares.<sup>35</sup>

O descontentamento com a atitude do governador se exprime nas urnas onde, em 1965, o candidato indicado por Lacerda para ocupar seu cargo recebeu o menor número de votos na região administrativa de Bangu<sup>36</sup>, onde Flexa Ribeiro teria ido para inaugurar a Vila Kennedy e, posteriormente, ido discursar para a população removida na busca de angariar votos para sua candidatura.

---

<sup>35</sup> ENDERS, Armelle. A história do Rio de Janeiro. Gryphus Editora, 2015. Pp 306-307

<sup>36</sup> MOTTA, Marly Silva da. Rio, Cidade-capital- descobrindo o Brasil. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2004. P. 40



Figura 7: Flexa Ribeiro discursando na Vila Kennedy, a estátua da liberdade, símbolo do conjunto habitacional, ao fundo. Título: Obras durante a construção de Vila Kennedy. Acervo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas. Arquivo: Flexa Ribeiro. Data de produção: déc. 1960.



Figura 8: Acervo Fundação Oswaldo Cruz. Arquivo: Anthony Leeds. No detalhe o cartaz : “O povo quer Negrão e Bernardo PTB”. Comunidade não identificada pelo autor. 1960-?



Figura 9: Acervo Fundação Oswaldo Cruz. Arquivo: Anthony Leeds. Retrato da. Comunidade não identificada pelo autor. 1960-?

### 3. A MEMÓRIA DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS EM BANGU

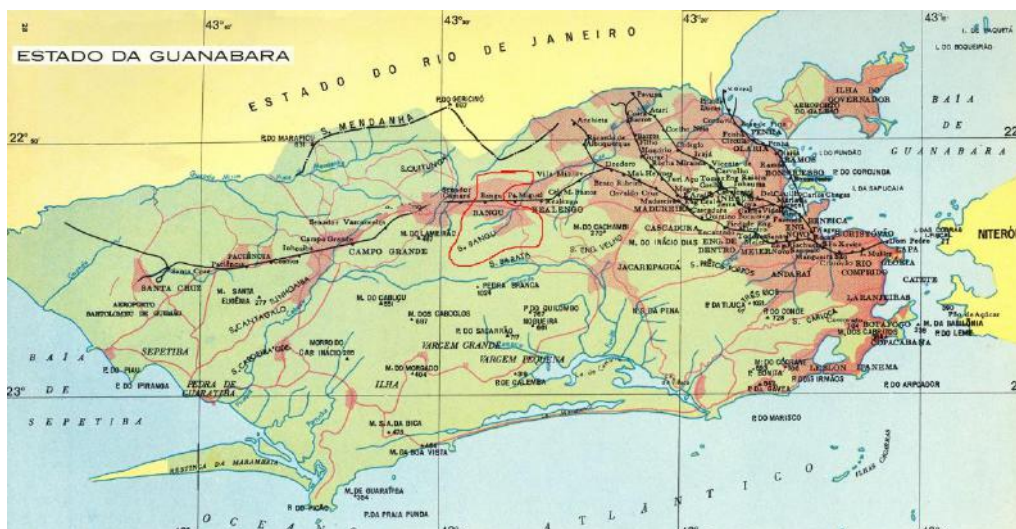


Figura 10: Mapa colorido do Estado da Guanabara na década de 1960. No centro, destacado em vermelho, está o bairro de Bangu. Fonte: Atlas Geográfico Mundial de Juan E. Schaeffer, edição Brail, 1967.

O ato de recordar pode tornar-se uma maneira de explorar e compreender os significados das experiências vividas historicamente por cada indivíduo e coletivamente. De acordo com Ecléa Bosi, toda geração possui, a partir da sua cidade como referência, a memória de

acontecimentos que são pontos de ligação de sua própria história, cabendo ao historiador captar que o passado reconstruído torna-se uma fonte importante para a análise social<sup>37</sup>. Para Pierre Nora, grupos ou países que sofrem com uma ruptura abrupta de modelo histórico contínuo, buscam um resgate através dos “lugares de memória”. Essa ruptura é a responsável por provocar um problema de identidade e, ao mesmo tempo, a reconstrução do passado se apresenta como uma tentativa de solucionar o impasse e garantir a transição de um modelo para outro de maneira minimamente traumática<sup>38</sup>.

A historiadora Andrea Casa Nova Maia, reforçou que a modernização imposta à força para a população favelada causou a perda de identidade e a desarticulação cultural deles. Nesse sentido, os removidos se viram obrigados a buscar a reinvenção do seu pertencimento espacial e a buscar e adaptar suas novas referências culturais. Ainda segundo ela, com as reformas, a cidade foi dividida em duas, onde a primeira era a cidade dos sonhos do governador, reformada e “civilizada” e a segunda era a cultura das ruas, geralmente pertencente aos marginalizados<sup>39</sup>.

Martin Heidegger, Filósofo alemão, pensou a problemática da construção em relação ao habitar em 1951, num congresso que tratava temáticas relacionadas à arquitetura e urbanismo da reconstrução da Alemanha no pós segunda guerra mundial. Para Heidegger, se tratava de pensar a relação entre o habitar, o ocupar e o construir. Segundo ele, as zonas periféricas são um espaço ocupado pela presença humana, mas, ao mesmo tempo, não é habitada por ela. O conceito de habitação está intimamente ligado ao ato de estabelecer conexões emocionais com o entorno em que vivemos. As periferias são um mundo ocupado pelo homem, mas não habitado por ele, pois a essência fundamental do habitar é cuidar e estabelecer uma relação sentimental com nosso entorno.<sup>40</sup>

Berço do futebol e pioneiro do carnaval de rua, o bairro de Bangu é um dos mais antigos e tradicionais bairros do subúrbio carioca. Nasceu de uma fazenda, viu surgir uma fábrica de

---

<sup>37</sup> BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, Cia das Letras, 1994. p7

<sup>38</sup> NORA, Pierre. Between Memory and History: Les lieux de mémoire. Representations. University of California Press, n. 26, 1989. P 38

<sup>39</sup> MAIA, Andréa Casa Nova. Lições do tempo: temas em História e historiografia do Brasil Republicano. 1ª ed, Rio de Janeiro, 7 letras, 2016.pp 86-101

<sup>40</sup> HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. In: Ensaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2002.



tecidos e foi baqueado pela chegada repentina de moradores na região durante o governo de Carlos Lacerda.

Na década de 1960, a Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB), também conhecida Fábrica de Tecidos Bangu, dona dos terrenos ao seus arredores, vendeu terras de seu antigo laranjal, ainda não loteadas, para a Companhia Estadual de Habitação (CEHAB), que foi a responsável pela construção dos conjuntos habitacionais populares de Bangu : Vila Aliança (1962), Vila Kennedy (1964) e D. Jaime Câmara (1968), sendo os primeiros inaugurados durante o mandato de Lacerda e o último inaugurado por Negrão de Lima. Todos esses conjuntos simbolizavam um crescimento de 14.237 novas casas e demais unidades habitacionais no bairro de Bangu.<sup>41</sup>

Criados a partir do programa “Aliança para o progresso”, os conjuntos habitacionais de Lacerda localizavam-se em áreas afastadas do Centro, sendo sua grande maioria incorporada na Zona Oeste da cidade. A decisão de construir conjuntos habitacionais em zonas distantes do centro da cidade, para a alocação de pessoas removidas das comunidades da zona sul e central, foi polêmica, Lacerda foi acusado de exclusão e, a partir da memória do suicídio de Getúlio Vargas, surge a ideia de que ele não "gostava de pobres", além disso, o governador também foi acusado de promover uma "limpeza urbana" fazendo uma chacina de mendigos em 1962, com isso, Lacerda era tachado de "mata mendigos", a partir daí, ele também passa a ser acusado de pretender exterminar os favelados.

Foi elaborado também o Plano de Habitação Popular, amplamente financiado pelo governo norte-americano através da Aliança para o Progresso, propondo a urbanização de áreas destinadas à construção de casas populares para a viabilização de um programa de remoção de favelas. Assim, durante a gestão de Lacerda foram executadas remoções de várias favelas e seus moradores foram transferidos para os conjuntos habitacionais da Cidade de Deus, em Jacarepaguá, Vila Kennedy, em Senador Camará, Vila Aliança, em Bangu e Vila Esperança, em Vigário Geral. Por diversas vezes os favelados opuseram forte resistência à remoção, recusando-se a deixar suas casas pelos conjuntos habitacionais. A destruição da favela do morro do Pasmado por um incêndio de “causas ignoradas”, que ocorreu ao mesmo tempo em que se processava a remoção, alcançou grande repercussão na época. A longa distância do centro da cidade, a precariedade dos transportes e a infra-estrutura ainda em fase de instalação nos conjuntos habitacionais, gerariam grande descontentamento entre os ex-favelados.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Marcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega. 150 anos de subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010. Pp. 117-118

<sup>42</sup> Dicionário Histórico Brasileiro. CPDOC – Fundação Getúlio Vargas. Disponível em : <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-werneck-de-lacerda> Acesso em 3 out de 2019

As remoções eram justificadas porque o Morro do Pasmado fazia parte de um conjunto paisagístico localizado nas proximidades do ponto turístico do Pão de Açúcar e não poderia ser danificado por construções irregulares. No caso da Favela do Esqueleto, o governador deu à justificativa de que a favela era uma ocupação da construção inacabada do campus da UEG – Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ, localizado no Maracanã, Zona Norte da cidade.

Segundo Marly Motta<sup>43</sup>, foram construídas 11.038 casas, divididas em vários conjuntos habitacionais, dentre eles estão a Vila Aliança e Vila Kennedy, Vila Esperança, Cidade de Deus, Nova Holanda e Lar do Empregado Doméstico. Também observou-se a construção de apartamentos, cerca de 1.500 divididos entre o Conjunto D. Castorina, Conjunto de Vila Isabel, Conjunto do Pedregulho, Conjunto Pio XII, Conjunto Santo Amaro e Conjunto Marquês de São Vicente. Muitos desses conjuntos hoje, como a Vila Kennedy, são comunidades carentes, mas a proposta de Lacerda, na época, era de promover locais com infraestrutura básicas como: água e esgoto.

### 3.1 Vila Aliança

Nosso pai, no sacrifício ergueu nosso barraco do chão, não era o lugar mais confortável do mundo, mas era o nosso lar. As casas aqui não tinham isso. Eram mais bonitas e tudo mais, mas também não eram essas maravilhas que saíam no jornal, quando a gente chegou a casa não tinha sido acabada ainda e a rua era de barro. A gente andava nas ruas e vinha aquela poeirada, quando eu olhava pras canelas tava tudo russa de poeira [sic]. Quando chovia também era ruim. No começo foi sofrido pra acostumar aqui.<sup>44</sup>

Inaugurada em 1962, logo no início do governo lacerdista, a Vila Aliança foi o primeiro conjunto habitacional planejado para receber os moradores removidos pelo governador. Ao contrário daquilo prometido por Lacerda, os conjuntos possuíam condições precárias, segundo

---

<sup>43</sup> KD a referencia

<sup>44</sup> Trecho do Depoimento de Dona Zica, removida do Parque Proletário da Penha para a Vila Aliança.

relatos da moradora cujo trecho do depoimento abriu esse capítulo, dona Zica, a adaptação não foi tão fácil como a imaginada pelos moradores antes de chegarem na Vila :

Quando a gente chegou aqui não tinha nada. Não tínhamos iluminação pública, nós não tínhamos asfalto, escola, nem serviço público dentro da comunidade, só tinha a casa mesmo. Quando as crianças ficavam doentes a gente tinha que sair da [Vila] Aliança pra Realengo a pé pra um atendimento médico. A gente começou a se virar pra poder se ajustar à vida nova. Nós criamos um clube de mães. Esse clube de mães tinha um objetivo né, algumas mães sabiam fazer algum trabalho manual e ensinavam pras crianças não ficarem de bobeira pelas ruas. No clube de mães a gente também buscava soluções para alguns problemas. Nossa primeira instituição da Vila Aliança foi um conselho de moradores, a partir dele começamos a analisar quais seriam as nossas demandas aqui. Nossa primeira conquista foi a iluminação, depois dela veio o asfalto, aí veio a primeira escola. A Vila Aliança pra mim é tão importante quanto qualquer outro lugar no Rio, não faz diferença de nenhuma área do Rio de Janeiro pra mim. Porque a cidade é nossa né. Eu me adaptei rápido, pobre não pode ter isso de não se adaptar não. Se a gente não se adapta a gente morre, então essa capacidade de se adaptar deve nascer com a gente, pelo menos eu acho que sim.<sup>45</sup>

De fato, os depoimentos acordam com as manchetes de jornais noticiavam sucessivos relatos de falta de infraestrutura nos conjuntos habitacionais da COHAB. Selecionamos aqui a que mais chama atenção do leitor. O Correio da Manhã, em 22 de outubro de 1964, dois anos após a inauguração do conjunto habitacional, noticiava o seguinte: “Favelados da Vila Aliança protestam contra abandono” e seguia com o seguinte trecho de reportagem:

É de completo abandono a situação dos favelados removidos pela Secretaria de Serviços Sociais da Guanabara para as Vilas Aliança e Kennedy, sendo enorme o descontentamento entre as centenas de famílias para ali transferidas, segundo apurou, ontem, o Correio da Manhã. As habitações, chamadas de “embrião”, por não merecerem a designação de casas, têm área útil suficiente para abrigar apenas três pessoas, o que representa, na média, metade de cada família, sendo, portanto, de confinamento o sistema habitacional.

Os “embriões” foram entregues aos favelados sem acabamento, carecendo de forro, assoalho e reboco. Os centros de abastecimento, escolas, postos médicos e farmácias, bem como os pontos de transporte, distam cerca de 5 quilômetros das Vilas, criando dificuldades antes desconhecidas pelos favelados. Diversos moradores disseram à reportagem que “das promessas feitas pela Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara, apenas uma vem sendo cumprida: a cobrança da prestação correspondente à ocupação do “embrião”, que varia de 15 a 18% do salário-mínimo regional”<sup>46</sup>.

A reportagem do Correio da Manhã explicita que, após a consolidação das remoções desses favelados para o subúrbio, o Estado abandonou completamente as responsabilidades que havia estabelecido. A distinção entre as casas da Vila Aliança e das construções irregulares

---

<sup>45</sup> Trecho do depoimento concedido por Dona Zica.

<sup>46</sup> Correio da Manhã, quinta-feira, 22 de outubro de 1964



construídas nos barrancos dos morros era o fato de que agora essas pessoas viviam em casas, e não mais em barracos. No que tange a saúde pública e afins, nada mudou e, como explicitado no *Correio da Manhã*, os removidos saíram de uma favela para outra sem qualquer melhoria e ainda com o ônus de custar muito caro<sup>47</sup>.



Figura 11: Rua de barro da Vila Aliança. Acervo Fundação Oswaldo Cruz. Arquivo: Anthony Leeds.

### 3.2 Vila Kennedy

Sabe aquela musiquinha “era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada... ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão, ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede, ninguém podia fazer xixi, porque pinico não tinha ali...” foi quase isso quando a gente chegou aqui, não tinha nada na VK, só as casas.<sup>48</sup>

<sup>47</sup> *Correio da Manhã*, 26 de agosto de 1963.

<sup>48</sup> Depoimento de Dona Dinah, moradora removida da Favela do Esqueleto para a Vila Kennedy.

Localizada entre a Praça Miami e a Avenida Brasil, a Vila Kennedy foi inaugurada em 20 de janeiro de 1964, ano do golpe militar, por Carlos Lacerda, e assim como a Vila Aliança, fazia parte do programa Aliança para o Progresso. Foi nomeada em homenagem ao então presidente dos Estados Unidos, Jonh Kennedy. O conjunto contava com 5054 casas e foi destinado aos moradores das favelas do Pasmado, Esqueleto e Ramos.

O conjunto recebeu em seu ponto central uma réplica da Estátua da Liberdade que se tornou símbolo da aliança entre Estados Unidos e Brasil. Supõe-se que a réplica tenha sido comprada da Família Paranhos, mas não foi encontrada uma fonte que confirme essa informação. De acordo com o morador Airton César “Hoje existem duas réplicas dessa estátua da liberdade, uma em Nova Iorque, uma na França e a da Vila Kennedy, isso pra nós moradores é um orgulho né.”<sup>49</sup>



Figura 12 : Estátua da Liberdade tornou-se o símbolo da Vila Kennedy e está até os dias atuais ancorada na Praça Miami, um dos principais pontos do conjunto. Acervo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas. Arquivo: Flexa Ribeiro. Data de produção: déc. 1960.

---

<sup>49</sup> Trecho retirado da entrevista concedida pelo morador

No início, houve resistência à remoção porque o conjunto localizava-se em uma área muito afastada do centro, onde grande parte dessas pessoas trabalhava. Ademais, segundo relatos dos moradores, o local ainda necessitava ser "desbravado", já que não possuía quase nada além do próprio conjunto. Poucos meses após a inauguração do conjunto popular, os jornais já relatavam casos problemáticos nas moradias. Em 24 de outubro de 1964, o Correio da Manhã denunciava que a COHAB explorava os moradores da Vila Kennedy:

Abandonados como os que foram levados para a Vila Aliança, os 7 mil favelados removidos do Pasmado e da Avenida Getúlio Vargas, para a Vila Kennedy, a sete quilômetros de Bangu, além dos inconvenientes decorrentes do acanhamento dos "embriões", são vítimas de um sistema deficiente de abastecimento que só beneficia a COHAB e os que ela escolheu para explorar o mercado de gêneros ali existentes, conhecidas como biroschas, e que funcionavam no centro da Vila, foram transferidas para dois velhos galpões adquiridos à Fundação Abrigo Cristo Redentor, e distribuídas em trinta boxes que asseguram a renda mensal média de Cr\$ 400 mil, à COHAB.<sup>50</sup>

Apesar de estar recorrentemente em manchetes dos jornais a Vila Kennedy – e consequentemente a Vila Aliança - não possui um vasto acervo fotográfico da época de sua inauguração. As raras fotografias destes conjuntos habitacionais de Bangu ou foram difundidas por jornais ou estão guardadas em arquivos particulares, como o caso dos registros disponibilizados pela Fundação Getúlio Vargas, que enquadrou as fotos utilizadas nesse trabalho no arquivo de Flexa Ribeiro. A dificuldade de acesso ou simplesmente a inexistência de fontes imagéticas ou iconográficas dificulta a representação da construção dos conjuntos. Desse modo, precisamos estar ainda mais atentos os relatos memoriais dos moradores que foram realocados no local.

---

<sup>50</sup> Correio da manhã em 24 de outubro de 1964: "COHAB Explora favelados"



Figura 13: Registro das obras da Vila Kennedy. Acervo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas. Arquivo: Flexa Ribeiro. Data de produção: déc. 1960.

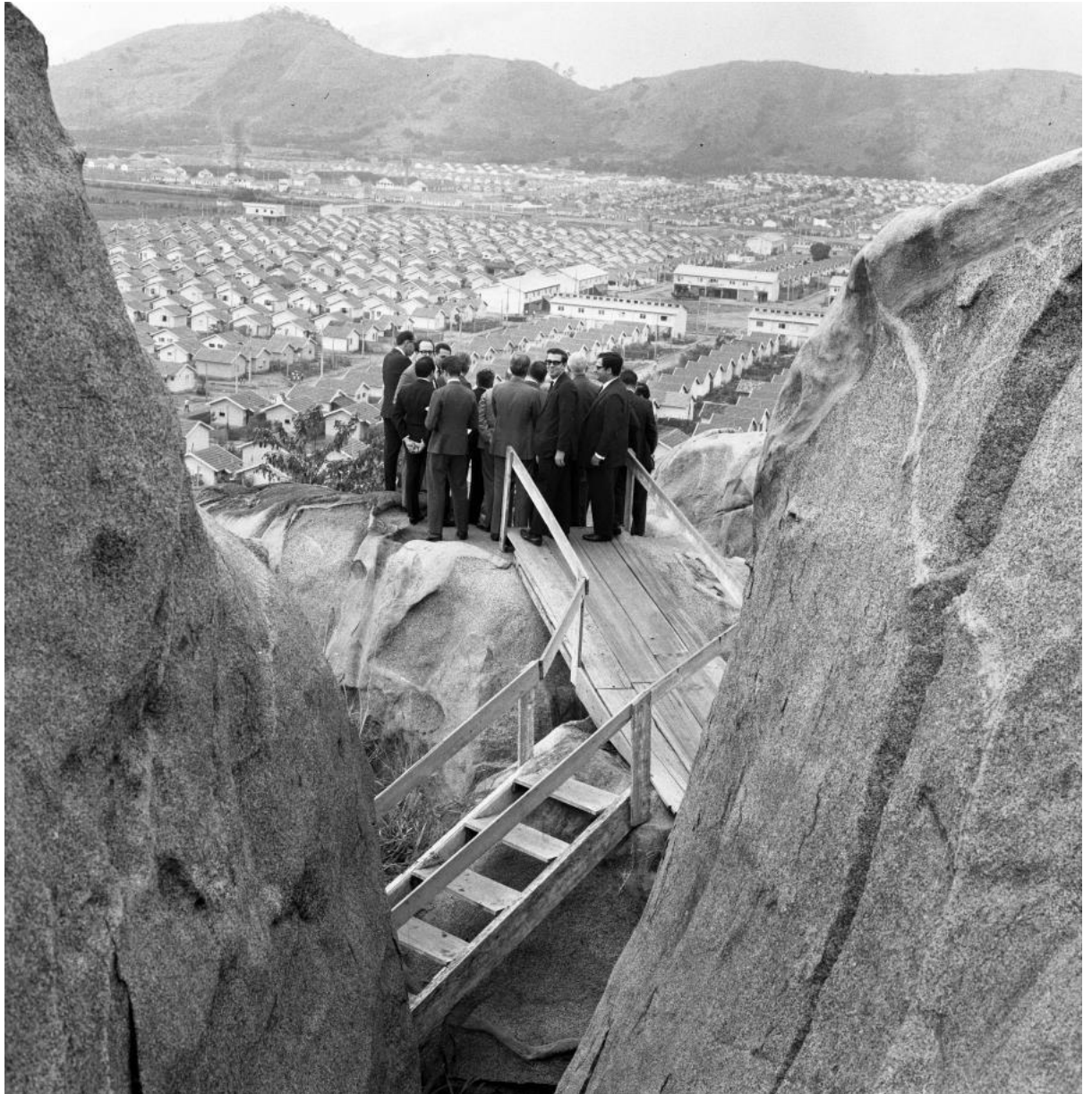


Figura 14: Do alto, autoridades observam a Vila Kennedy, construída com recursos do governo dos EUA, 1965/1966. Acervo: Agência O Globo.





Figura 15: Rara Vista aérea das casas da Vila Kennedy propicia a observação da organização linear das casas, 1965. Acervo: Agência O Globo.

#### 4. FAVELADO SIM, SUBURBANO NÃO!

Os favelados estão preparando um memorial com a assinatura de todos os chefes de família, ali residentes, para ser encaminhado ao governador, mostrando as razões por que não querem ir para as vilas construídas pelo governo do Estado e reivindicando o direito de permanecerem onde estão.<sup>51</sup>

À 8ª Vara da Fazenda Pública foi distribuído mandado de segurança impetrado por oito moradores da Vila Cachoeira, na Estrada das Furnas, contra o Departamento de Assistência Social do Estado, para impedir que sejam transferidos para a Vila Kennedy. Alegam que essa transferência acarretará despesa diária de 300 cruzeiros de condução, diariamente que eles não estão em condições de pagar. Pedem concessão de medida liminar.<sup>52</sup>

Um dos maiores percalços enfrentados pela população suburbana das cidades é a distância dos centros comerciais, dos trabalhos e das áreas de lazer. A população banguense sofreu - e sofre até hoje - com a escassez da oferta de transportes voltados para a grande massa. De modo geral, a área da Vila Aliança estava “melhor localizada” e contava com o transporte

<sup>51</sup> Jornal do Brasil, 22 de abril de 1961 : “Povo do esqueleto não quer mudança”

<sup>52</sup> Correio da Manhã, 14 de maio de 1961 : “Não querem ir pra Vila Kennedy”

ferroviário e com poucas linhas de ônibus, já a Vila Kennedy, mais distante dos transportes, contava somente com poucas linhas de ônibus que tinham hora certa pra começar e acabar de circular. Essa dificuldade de locomoção impactou negativamente a vida dos removidos que trabalhavam próximo aos seus antigos lugares de moradia.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, os moradores entrevistados confidenciaram as dificuldades encontradas para chegar aos seus trabalhos, tais como :o custo do transporte, o tempo que começaram a perder dentro dos transportes públicos, a perda da qualidade de vida e o fantasma da demissão. Morar em uma casa aconchegante nunca custou tão caro.

Eu tive que começar a trabalhar quando a gente chegou aqui porque os trabalhos do meu pai e da minha mãe começaram a ficar escassos por causa da distância. Mesmo que a vida lá no Pasmado não fosse a oitava maravilha do mundo, a gente conseguia ir andando pros lugares. Aqui da Vila ficava impossível por ser longe de tudo, então eu comecei a trabalhar num areal pra ajudar no sustento da casa.<sup>53</sup>

Eu aprendi a gostar daqui, mas na época foi difícil porque o transporte era caro e ninguém queria pagar bem pra faxineira, ainda mais eu sendo preta, ninguém valorizava esse trabalho. Então eu tive que sair de várias casas porque ninguém queria me pagar o transporte, sem contar que demorava bem mais pra chegar nas casas. Aqui em Bangu eu comecei a fazer coisas pra vender, no começo vendia pros vizinhos e eles pagavam depois, aí quando comecei a vender bem e pro pessoal de fora daqui, nunca mais voltei pra casa das madames pra ser humilhada de novo.<sup>54</sup>

Depoimentos como os do sr. Júlio César e de dona Zica são corriqueiros entre os demais moradores removidos. Segundo relatos deles, muitos moradores ficaram desempregados após a remoção pois trabalhavam em empregos informais e não conseguiam arcar com as despesas das passagens e o custo extra com o pagamento das casas construídas pelo governador dificultava ainda mais o gasto com as passagens. Desse modo, muitos moradores e moradoras fizeram como dona Zica e iniciaram a prestação de serviços nos arredores dos conjuntos habitacionais.

O descontentamento foi tanto que, conforme noticiado pelo Jornal do Brasil, os moradores da Vila Kennedy se reuniram e construíram um memorial que foi direcionado para o Ministro da Justiça, sr. Abelardo Jurema, para reclamar das irregularidades que ocorriam no funcionamento do novo complexo habitacional.<sup>55</sup> De modo geral, por mais que os barracos da

<sup>53</sup> Trecho do depoimento do sr. Júlio César, morador da Vila Aliança.

<sup>54</sup> Trecho do depoimento de Dona Zica, moradora da Vila Aliança

<sup>55</sup> JORNAL DO BRASIL, 22 de agosto de 1963.

zona sul não fossem confortáveis para se viver, morar no distante subúrbio carioca tornou-se um estorvo para estas pessoas.



Figura 16: Figura 16: Acervo Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz. Arquivo: Anthony Leeds. autor desconhecido. Vila Kennedy, década de 1960.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho aqui apresentado, procuramos demonstrar os impactos causados em Bangu pela política de remoção compulsória e habitação popular implementadas durante o mandato de Carlos Lacerda na Guanabara. Privilegiar a modernização de um espaço em detrimento de uma população que habitava locais considerados valiosos para a especulação imobiliária sem planejamento prévio para essas remoções demonstra uma nítida ausência de preocupação com esses cidadãos.

Assim sendo, confirmamos a nossa hipótese de que o governador visava somente alavancar o embelezamento das áreas nobres da cidade sem qualquer preocupação com o bem estar dos removidos. Lacerda acreditava que realocar os indivíduos indesejáveis em um



subúrbio distante proporcionaria não somente a higienização da imagem da cidade, mas também a eliminação do espectro do comunismo que supostamente pairava sobre o país, além disso, a remoção ocasionaria uma certa gratidão por parte dessa população que finalmente alcançaria seus direitos básicos de moradia. Esse sentimento de gratidão poderia ser convertido em votos, mas Lacerda errou em sua jogada política.

Varrer para debaixo do tapete os problemas urbanos e habitacionais não tornam uma cidade mais bela. As entrevistas foram primordiais para a constatação de que os moradores, ao contrário do que aparecia em jornais como o Tribuna da Imprensa, não aceitaram de bom grado essa mudança súbita de moradia. Por mais que as casas fossem melhores, tirar o direito de escolha desse grupo de pessoas e impor um determinado local para que eles reestruturassem suas vidas foi a maior prova de desinteresse do governador pelo bem estar dessas pessoas, uma vez que, além de passar a morar longe de seus trabalhos, os favelados eram obrigados a pagar por suas casas.

A ideia inicial de dar um maior conforto para os novos moradores da Vila Aliança e Vila Kennedy não foi cumprida. Os jornais e os próprios moradores denunciaram que as condições de vida proporcionada nesses conjuntos habitacionais eram precárias. Não havia um planejamento de infraestrutura na região industrial de Bangu para comportar a quantidade de moradores que aceleradamente foram movidos para lá. Com isso o caos se instaurou. Faltavam escolas suficientes para atender às crianças removidas, o único posto de saúde ficava distante, as ruas não eram asfaltadas e, com as chuvas era praticamente impossível de se locomover por elas. Esses relatos corroboram para a ideia de esquecimento dessa parcela da população após a mudança forçada. Perderam seus barracos, seus empregos, suas memórias e sua identidade com a promessa de uma vida mais digna que não cumprida.

Os conjuntos criados a partir da Aliança para o Progresso foram criados para desafogar as áreas nobres da cidade e somente isso. Não houve um planejamento urbano, estrutural, emocional para os novos moradores que foram acondicionados à deriva de uma avenida que ficava há 50 Km de distância de suas antigas residências. Não havia a possibilidade de retorno.

Este trabalho não esgota as possibilidades de estudo e assimilação da questão urbana e habitacional do subúrbio carioca. A partir dos paralelos e referências criados, é possível propor outros estudos de caso que utilizem a mesma lógica remocionista da população marginalizada pelo poder público no Brasil e fora dele. É urgente que a Academia e a sociedade não pensem a construção dos indivíduos somente a partir do seu poder aquisitivo. É possível repensar as políticas públicas do nosso país a partir das vivências e memórias dessas pessoas.

## 6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 6.1 Arquivos

Agência O Globo.

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas. Arquivo Flexa Ribeiro

Fundação Biblioteca Nacional.

Fundação Oswaldo Cruz. Arquivo Anthony Leeds.

### 6.2 Fontes

Correio da Manhã, 1964 (jan - dez)

Jornal do Brasil, 1964 (jan - dez)

Tribuna da Imprensa, 1964 (jan-dez)

### 6.3 Entrevistas

Entrevistado 1 Júlio César - Vila Aliança

Entrevistado 2 Dona Zica - Vila Aliança

Entrevistado 3 Airton Sérgio - Vila Kennedy

Entrevistado 4 Dona Dinah - Vila Kennedy

### 6.4 BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro.**- 4 ed. - Rio de Janeiro: IPP, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo, Cia das Letras, 1994.

BRUM, Mario Sérgio. **Favelas e remocionismo ontem e hoje:** da Ditadura de 1964 aos Grandes Eventos. O social em questão, ano XVI, n.29,2013.

CONNERTON, Paul. **How societies remember.** Cambridge University Press, 1989.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Graal, 1986.

Dicionário Histórico Brasileiro. CPDOC – Fundação Getúlio Vargas

ENDERS, Armelle. **A história do Rio de Janeiro**. Gryphus Editora, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Rio de Janeiro: uma cidade na história**. Rio de Janeiro: FGV EDITORA, 2ªed, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. In: Ensaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salle. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge, Cambridge University Press, 1988. p. 183-259.

MAIA, Andrea Casa Nova; CARDOSO, Luciene Carris; SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. **Lições do Tempo: Temas em História e Historiografia do Brasil Republicano**. - 1 ed. - Rio de Janeiro: 7 letras, 2016.

MOTTA, Marly Silva da. **Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado**. Nossa História. Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado**. Nossa História. Rio de Janeiro, nº19, p.25-72, maio, 2005.

\_\_\_\_\_. **Rio, Cidade-capital-** descobrindo o Brasil. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

NORA, Pierre. **Between Memory and History: Les lieux de mémoire**. Representations. University of California Press, n. 26, 1989.

OLIVEIRA, Marcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010.

PEREZ, Maurício Dominguez. **Lacerda na Guanabara: a reconstrução do Rio de Janeiro nos anos 1960**. Odisseia Editorial, 2007.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, pp. 3-15, 1989.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. **A cidade do rio de janeiro no iv centenário em algumas páginas literárias**. Acervo, rio de janeiro, v. 28, n. 1, p. 132-143, jan./jun. 2015

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. **Arquivos: proposta metodológicas**. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp 233 - 245.

VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro**. Zahar Editores, 1978.

## **ANEXO I**

### **Entrevista Semiestruturada - Moradores da Vila Aliança e da Vila Kennedy –**

1. Há quanto tempo você e sua família moram no bairro?
2. Qual era seu local anterior de moradia?
3. Gostava de morar lá?
4. Como foi a experiência da mudança?
5. Lembra de como era a vida no seu antigo bairro?
6. Como a notícia da remoção chegou aos seus ouvidos?
7. Apesar da remoção ter sido obrigatória, gostou da casa nova?
8. Como foi se adaptar à vida no subúrbio?
9. Você trabalhava nessa época?
10. Se pudesse ter tido a oportunidade de escolher, teria se mudado para o seu atual bairro?

## ANEXO II

### Respostas dos entrevistados

#### Entrevistado 1 Júlio César - Vila Aliança

1- Eu moro aqui desde 1962, acho que desde janeiro. Eu morava no Pasmado com meus pais e meus dois irmãos, o Marco e o Jair. o Jair morreu de leptospirose antes da gente se mudar de lá, acho que ele tinha uns 17 anos na época. A gente brincava perto do esgoto dos barracos, não tinha outro espaço pra gente brincar. Vez o outra alguém caía lá dentro e pegava alguma doença de pele. O Marco era o mais velho, tinha 20 anos, naquela época trabalhava no centro engraxando sapato pra ajudar em casa, minha mãe lavava roupa pra fora e meu pai trabalhava num bar no pé do morro. Quando a gente saiu de lá eu tinha 14 anos.

2- Eu nasci e cresci no Pasmado. Tenho vontade de voltar lá um dia pra ver como ficou, mas nunca tive coragem, sempre me dá um nó na garganta. Tenho medo de reviver as lembranças...

3- Olha, eu lembro que no dia da mudança mamãe ficou super agitada, com medo de acontecer alguma coisa ruim com a gente. Mas eu gostava, apesar de todo o sofrimento de não ter uma casa “decente” pra gente, a gente conhecia todo mundo do morro.

4- Foi ruim. A gente sofreu muito pela mudança mesmo, a gente foi obrigado a se mudar de lá, mamãe chorava porque sabia que ia perder o “emprego” dela e a gente também chorava, mas porque tava sendo afastado dos amigos, meu irmão teve medo de perder a namorada por causa da distância e papai ficou bravo porque não poderia mais trabalhar no bar.

5- A vida lá no Pasmado era sofrida, sabe? Era ruim quando tava sol porque ficava muito quente, mas quando chovia era pior ainda, dava medo de o barraco cair em cima da gente, tinha goteira pra tudo quanto é lado, devia chover mais dentro do que fora do barraco (risos). Quando começava aquelas chuvas com vento forte eu chorava no colo de mamãe, ah que saudades dela! Mas era legal, eu gostava né, nasci lá e cresci lá. Conhecia todo mundo, quando a gente chegou na Aliança, a gente conhecia algumas pessoas só, lógico que com o tempo a gente começou a

se conhecer né, mas isso levou tempo. Lá no morro todo mundo se ajudava em tudo, na pobreza, mas ajudava.

6- Eu tava na rua conversando com uns amigos, aí do nada veio um moço marcando a porta da casa das pessoas, aí a gente foi lá perguntar pra ele o que tava acontecendo, foi assim que a gente descobriu que os barracos iam ser destruídos.

7- Gostei né, a gente foi obrigado a vir pra cá, mas a casa aqui era bem melhor que o nosso barraco de madeira, mas tinha o sentimento envolvido com o barraco antigo. Nosso pai, no sacrifício ergueu nosso barraco do chão, não era o lugar mais confortável do mundo, mas era o nosso lar. As casas aqui não tinham isso. Eram mais bonitas e tudo mais, mas também não eram essas maravilhas que saíam no jornal, quando a gente chegou a casa não tinha sido acabada ainda e a rua era de barro. A gente andava nas ruas e vinha aquela poeirada, quando eu olhava pras canelas tava tudo russa de poeira. Quando chovia também era ruim. No começo foi sofrido pra acostumar aqui.

8- Pra mim o mais difícil era não conhecer ninguém da vila. Então logo assim que eu cheguei aqui fui ocupar a mente vendendo jornal, eu não tinha muito estudo, então foi o que deu pra fazer. Mas mamãe e papai sofreram pra conseguir emprego novo, eles não conheciam ninguém e as pessoas tinham preconceito porque a gente era favelado. Tinham medo da gente estar pedindo emprego pra roubar.

9. Eu tive que começar a trabalhar quando a gente chegou aqui porque os trabalhos do meu pai e da minha mãe começaram a ficar escassos por causa da distância. Mesmo que a vida lá no Pasmado não fosse a oitava maravilha do mundo, a gente conseguia ir andando pros lugares. Aqui da Vila ficava impossível por ser longe de tudo, então eu comecei a trabalhar num areal pra ajudar no sustento da casa.

10- Olha, eu vou ser bem sincero. Se fosse na época, por melhor que fosse a casa aqui, eu não ia querer vim não, mas hoje em dia eu me acostumei com a vila já. Já tô com 64 anos, se não tivesse me acostumado seria uma coisa estranha... rs.... Mas eu prefiro aqui, lá onde a gente morava tá mais perigoso que aqui. É claro que é ruim pra quem trabalha porque fica muito longe da Cidade, mas eu gosto da minha casinha aqui.

1- Eu vim pra Vila Aliança removida do Parque Proletário da Penha em Janeiro de 1964, tinha 34 anos na época.

2- Morávamos eu, meus 4 filhos e meu marido.

3- Não vou ser hipócrita e dizer que amava morar lá, mas eu também não odiava. A vida era precária, mas era mais perto do que é aqui. Eu já era mãe de 3 filhos na época, meu marido era morto, então pra mim era bom morar lá porque as vizinhas ficavam com meus filhos pra eu ir trabalhar na casa das madames da zona sul. A gente praticamente não se via porque eu trabalhava o dia inteiro.

4- Eu fiquei triste porque me separaram da Selminha, minha amigona de anos, mas achei que aqui a vida seria mais confortável, entende? Achei que teria uma vida mais confortável. Ao chegar na casa, adorei, mas depois comecei a ver os problemas do lugar.

5- Ah, a vida bem simples, mas todo mundo se ajudava, isso eu achava legal, o senso do coletivo. Mas o lugar em si não era o melhor do mundo, quando tava sol era uma poeirada só e quando chovia a poeira virava lama. Lembro que eu amarrava umas sacolas no pé pra poder ir trabalhar arrumadinha. Tinha muito rato porque não tinha esgoto encanado, e eu tinha o maior medo do mundo de ter que matar rato, eu odeio rato e dizem que quando a gente não gosta a gente atrai (risos) então sempre entrava rato na minha casa e eu sempre gritava pelo Zé, marido da Selminha, pra matar os ratos. Tinha medo deles morderem meus filhos.

6- Tinha umas pessoas que iam lá nos barracos falar sobre comunismo pra gente, mas como eu nunca tava em casa, só ficava sabendo pelos vizinhos eu particularmente nunca entendi nada disso, mas achava meio esquisito. Eu não tive a oportunidade de estudar, então tudo o que me falavam eu acreditava, se tivesse ouvido esse negócio de comunismo talvez seria comunista hoje (risos). Aí Selminha me disse que o governador tinha começado a construir umas vilas pra gente sair de lá pra ter uma vida melhor e pra fugir um pouco desses comunistas.

7- Nossa eu amei a casa, achei a coisa mais linda. Eu morava num barraco de madeira todo caindo aos pedaços, então vir pra cá foi lindo nesse sentido da moradia. A casa não era enorme, mas pra quem não tinha nada eu achei que era uma mansão, a casa mais linda do mundo.

8- Quando a gente chegou aqui não tinha nada. Não tínhamos iluminação pública, nós não tínhamos asfalto, escola, nem serviço público dentro da comunidade, só tinha a casa mesmo. Quando as crianças ficavam doentes a gente tinha que sair da Aliança pra Realengo a pé pra um atendimento médico. A gente começou a se virar pra poder se ajustar à vida nova. Nós

criamos um clube de mães. Esse clube de mães tinha um objetivo né, algumas mães sabiam fazer algum trabalho manual e ensinavam pras crianças não ficarem de boqueira pelas ruas. No clube de mães a gente também buscava soluções para alguns problemas. Nossa primeira instituição da Vila Aliança foi um conselho de moradores, a partir dele começamos a analisar quais seriam as nossas demandas aqui. Nossa primeira conquista foi a iluminação, depois dela veio o asfalto, aí veio a primeira escola. A Vila Aliança pra mim é tão importante quanto qualquer outro lugar no Rio, não faz diferença de nenhuma área do Rio de Janeiro pra mim. Porque a cidade é nossa né. Eu me adaptei rápido, pobre não pode ter isso de não se adaptar não. Se a gente não se adapta a gente morre, então essa capacidade de se adaptar deve nascer com a gente, pelo menos eu acho que sim.

9- Eu trabalhava de faxineira e fazia outros bicos pra bancar a casa. Com três filhos pequenos não dava pra ficar parada. Queria ter a casa que elas tinham, tudo muito bonito, refinado...

10- Eu aprendi a gostar daqui, mas na época foi difícil porque o transporte era caro e ninguém queria pagar bem pra faxineira, ainda mais eu sendo preta, ninguém valorizava esse trabalho. Então eu tive que sair de várias casas porque ninguém queria me pagar o transporte, sem contar que demorava bem mais pra chegar nas casas. Aqui em Bangu eu comecei a fazer coisas pra vender, no começo vendia pros vizinhos e eles pagavam depois, aí quando comecei a vender bem e pro pessoal de fora daqui, nunca mais voltei pra casa das madames pra ser humilhada de novo.

### **Entrevistado 3 Airton Sérgio - Vila Kennedy**

1- Eu vim criança da favela do Esqueleto, não lembro o ano, mas acho que eu tinha por volta de uns 12 anos logo assim que a gente veio. A coisa que eu mais lembro do dia em que a gente chegou é que tava muito quente (risos).

2- Morávamos eu, meu pai e minha irmã Júlia. Mamãe morreu quando eu tinha 4 anos. Como você deve imaginar, eu praticamente não tenho lembranças do rosto de mamãe, só uma foto bem velhinha que eu guardo como se fosse ouro.

3- Eu nasci lá no esqueleto, então pra mim aquilo tudo era normal. A gente morava em barraco de madeira, eu dormia em cima da mesa e meu pai pregava uma ripa pro rato não subir em mim e me morder enquanto eu dormia porque o nosso barraco ficava bem em cima do Rio Maracanã.



4- Pelo que eu lembro e pelo o que o papai contava, demoliram nosso barraco de manhã e a gente teve que ficar esperando o transporte de mudança a noite toda, só que a gente ainda deu azar porque choveu, tivemos que ficar a noite toda debaixo de marquise.

5- Eu lembro de pouca coisa, lembro da Dona Nanci, que dava comida pra gente, brigava quando a gente ficava brincando e fazendo muito barulho. Lembro também que quando chovia minha irmã e eu ficávamos espalhando baldes pelo barraco pra não molhar o pouco que a gente tinha. As vezes a chuva era tão forte que derrubava os barracos mais

6- A nossa casa tinha sido marcada na porta com um “X” e papai foi lá perguntar pro rapaz o que era aquilo que estava acontecendo, aí papai ficou sabendo que nosso barraco ia ser destruído em alguns dias. Foi assim. Ninguém perguntou nada pra gente.

7- Gostei sim! Foi a primeira vez que eu consegui dormir de verdade sem medo de ser mordido por ratos, sem aquele barulho de água embaixo da casa... Eu durmo como um anjo desde aquele dia.

8- A gente chegou em um lugar onde as casas eram idênticas, tudo enfileirado e ainda em obra, mas pra quem morava em cima do rio eu achei o lugar ótimo, só que quando a gente entrou na casa não tava tudo pronto ainda, tava faltando botas as janelas e a porta, mas a gente teve que ficar lá na casa assim mesmo porque papai ganhou um sorteio que o governador fez, então a nossa casa foi doada, a gente não pagou por ela, mas acho que até se a gente tivesse pago não ia poder reclamar de nada. Pra mim foi ok, não trabalhava na época, então foi mais tranquila a adaptação. O único trabalho que eu tive foi de fazer amizade com os garotos da vizinhança porque eu não conhecia ninguém.

9- Não! Papai não me deixava trabalhar quando era criança, só que quando eu fui começando a ter interesse nas meninas e queria levar pra sair, não tinha dinheiro... aí comecei a trabalhar, acho que eu tinha uns 15 anos, mas era comum começar a trabalhar mais cedo.

10- Acho que sim. Nós temos a estátua da liberdade que é um monumento que deu um nome à nossa comunidade. Hoje existem duas réplicas dessa estátua da liberdade, uma em Nova Iorque, uma na França e a da Vila Kennedy, isso pra nós moradores é um orgulho né. A Vila Kennedy pra mim é um orgulho, eu amo morar nesse lugar.

#### **Entrevistado 4 Dona Dinah - Vila Kennedy**

1- Chegamos aqui em Bangu dia 7 de janeiro de 1964, eu vim da favela do esqueleto, esse negócio eu já devia ter uns 30 anos, é que depois de uma certa idade a gente para de contar (risos).

2- Mudou eu, meu marido e meus dois filhos, os dois já morreram, um foi acidente no trem e o outro deu pra vida errada, fazer o que né. Mas eu amava muito meus filhos.

3- Ah menina, favela só é bonito hoje em dia e olhe lá. A gente saiu de casa escorraçado, obrigado. Antigamente favelado era jogado de um lado pro outro, como se fosse um lixo podre, muita gente tinha medo da gente roubar eles, era difícil até arrumar emprego por causa do preconceito. Hoje em dia os gringos vão lá nas favelas tirar foto e até moram, até artista mora lá, acham tudo muito bonito, mas só naquelas lá da zona sul, pergunta se algum deles quer vim pra cá morar igual a gente.

4- Ih menina, eu reclamei a beça com o Romualdo, meu marido. Não queria sair de lá, mesmo achando que não era um lugar digno pra ninguém, mas eu tinha medo do novo, não fazia ideia de como era o lugar que aguardava a gente aqui, então eu fiquei com medo, agarrei na porta do barraco que gente nenhuma me tirava de lá, Romualdo teve que arrancar a porta e me arrastar pro caminhão. Eu vim lá do esqueleto até aqui chorando e meu marido falando “mulher deixa de ser burra que a vida lá vai ser melhor que aqui”, mas eu tava com medo de não ser.

5- Eu tinha muito conhecido lá, trabalhava lavando roupa e ajudava meu marido na cozinha do boteco do português, eu fazia uns tira gosto pros clientes dele e meu marido ficava ajudando ele lá na serventia das bebidas.

6- Falavam que aqui a gente ia ter direito a tudo o que as outras pessoas tinha, disseram pra gente que iam demolir onde a gente morava pra criar a Universidade da Guanabara pros nossos filhos, falaram que ia ter transporte de graça pra ir e pra voltar, mas quando a gente chegou aqui descobriu que era tudo mentira.

7- Sabe aquela musiquinha “era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada... ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão, ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede, ninguém podia fazer xixi, porque pinico não tinha ali...” foi quase isso quando a gente chegou aqui. Mas apesar disso eu gostei, as casas eram tudo iguaizinhas, os nossos parentes, quando viam visitar, quando se davam conta estavam dentro da casa de outra pessoa... mas quando cheguei a casa não tava pronta ainda, não tinha vaso sanitário nem porta, parece que eles fizeram as pressas pra gente poder se mudar logo e foi isso

mesmo. O governador queria que a Guanabara estivesse bonita pro aniversário dela. Aí tiraram a gente de lá e jogaram pra cá, pros cafundó do mundo (risos).

8- A Vila Kennedy era maravilhosa, muito grande, mas só isso, aqui não tinha nada, não tinha escola perto, não tinha posto de saúde, não tinha nada e a rua ainda era toda de barro, a gente limpava a casa e 10 minutos depois tava tudo empoeirado de novo. Pra levar os meninos no colégio a gente fazia o seguinte, as vizinhas juntavam um grupo de crianças e ia com uma mãe, aí a tarde outra mãe ia buscar pra não sacrificar ninguém e assim a gente foi vivendo e se virando do jeito que dava. O triste era quando alguém ficava doente, porque tudo era muito longe daqui. Hoje em dia o pessoal reclama mas tá uma maravilha em vista do que era, a única coisa ruim é o tráfico mesmo. Muitos vizinhos antigos vieram junto e eram meus vizinhos, então pra mim o difícil foi adaptar ao lugar mesmo, aqui é muito quente, Deus que me livre! Mas antigamente conseguia ser pior, pra mim o mais difícil foi isso. Meu marido reclamava a noite toda que não conseguia dormir, e ele, coitado, trabalhava em obra, então ficou logo abatido, mas com o passar dos anos ele acostumou, que Deus o tenha! No começo eu só fazia chorar, queria porque queria voltar pro meu barraco, mas não dava né... Com o passar do tempo a gente acaba se acostumando com o lugar. Acho que no fundo a gente acaba esquecendo os perrengues que passou lá e só lembra dos momentos bonitos.

9- Eu trabalhava limpando o bar que o Romualdo trabalhava nos finais de semana, as crianças ficavam em casa brincando no morro quando não tinha aula. Eu pedia pros vizinhos dar uma olhada né, naquela época não era perigoso igual hoje, mas mãe é mãe, eu sempre fui muito preocupada com eles.

10- Teria mudado não filha, eu amava tanto aquele nosso barraco, era todo pobre, chovia dentro, a gente tinha que ficar botando balde quando chovia, mas era nosso cantinho, sabe?... tinha muita história nossa lá dentro, dos nossos filhos... acho que era por isso que eu não queria deixar destruírem ele. Mas se Deus quis que fosse assim é porque deve ter sido melhor pra gente ser assim.